



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO CEDUC II
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

JOSÉ LEONARDO ALEXANDRE LACERDA

**O FIM DA ESPERANÇA NA FILOSOFIA DE
ALBERT CAMUS**

CAMPINA GRANDE – PB
2011

JOSÉ LEONARDO ALEXANDRE LACERDA

**O FIM DA ESPERANÇA NA FILOSOFIA DE
ALBERT CAMUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

L131f Lacerda, José Leonardo Alexandre.
O fim da esperança na filosofia de Albert Camus
[manuscrito]: /José Leonardo Alexandre Lacerda. – 2011.
23 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo
Magalhães, Departamento de Filosofia”.

1. Filosofia - Camus 2. Esperança 3.
Existencialismo I. Título.

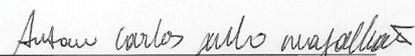
21. ed. CDD 100

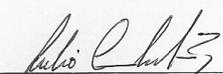
JOSÉ LEONARDO ALEXANDRE LACERDA

**O FIM DA ESPERANÇA NA FILOSOFIA DE
ALBERT CAMUS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciatura
em Filosofia.

Aprovada em 23 / 11 /2011.


Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães / UEPB
Orientador


Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting / UEPB
Examinador


Prof. Ms. José Nilton Conserva / UEPB
Examinador

Por ora só quero falar de um mundo em que tanto os pensamentos como as vidas são privados de futuro (Camus, 2008, p.81).

O FIM DA ESPERANÇA NA FILOSOFIA DE ALBERT CAMUS

José Leonardo Alexandre Lacerda*
Antonio Carlos Magalhães**

RESUMO

Esse trabalho tem como proposta refletir sobre o fim da esperança na filosofia de Albert Camus. Tendo em vista o fracasso do progresso, da razão, e a descrença na ciência, o homem contemporâneo constatou o absurdo da sua existência. O século XX passou a ser um século sem esperança, e a busca pelo sentido da vida fez o homem colocar em dúvida se a vida valia ou não apenas viver. Diante desse dilema, a morte e a crença no divino foram alternativas em sua trajetória, muito embora para Camus a resposta mais coerente para uma vida absurda e sem esperança seja a revolta consciente como resposta às alternativas ilusórias que queiram tirar do homem o amor por essa vida.

Palavras-Chave: Camus. Esperança. Absurdo. Revolta

ABSTRACT

This paper aims to reflect about the end of hope in the Albert Camus' philosophy. Given the failure of progress, reason, and disbelief in science, the contemporary man found the absurd of his existence. The 20th century became a century without hope, and the search for the meaning of life made the man put in doubt whether or not life worth living. Faced with this dilemma, the death and the belief in the divine were alternatives on their way, although for Camus, the most coherent response to an absurd life and without hope is the conscious revolt in response to illusory alternatives that want to take out from the man the love for his life.

Keywords: Camus. Hope. Absurd. Revolt

1. INTRODUÇÃO

Diante a crença no progresso eminente com o surgimento de novas tecnologias e a sistematização do pensamento racional, a humanidade acreditou que o século XX seria o século da esperança. O que não foi constatado, pelo contrário, viu-se um mundo desordenado e sem esperanças para a humanidade. A não realização dos ideais no século XX fez com que o homem tivesse a sensação de abandono, ou seja, que o mundo era absurdo.

*Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

** Professor Doutor. Orientador.

Privado de suas crenças, o absurdo da existência humana passa a fazer parte da vida do homem ao ponto de levá-lo ao questionamento a cerca do valor da vida, agora sem esperança alguma ela busca se firmar com ser existente.

É nesta perspectiva, que delimito meu trabalho de conclusão de curso na obra *O Mito de Sísifo* com o tema: *O Fim da Esperanças na Filosofia de Albert Camus*. Esse trabalho tem o intuito de discutir o problema do fim da esperança na constatação de um mundo absurdo e que não corresponde mais as expectativas esperadas da humanidade. Na busca de dar sentido para sua vida o homem encontra inúmeras alternativas, inclusive a própria morte. Para Camus, é de suma importância saber como o homem reage a esse mundo sem apego a algo que lhe tire sua consciência e sem esperança num ser transcendente.

Para tanto, esse trabalho está dividido em quatro tópicos. O primeiro tem por título *A Crise da Esperança no Século XX*, onde trato o contexto do surgimento do absurdo com a crise advinda do fim da esperança no século XX. O segundo, *O Absurdo e o Sentido da Vida*, trata-se aqui da constatação que o mundo não corresponde aos anseios do indivíduo, levantando com isso o questionamento da vida vale ou não apenas ser vivida. O terceiro, *O Suicídio Físico e o Suicídio Filosófico*, nesse momento o indivíduo se encontra diante de duas possibilidades na tentativa de resolver seu dilema, com sua própria morte ou com apego a algo além deste mundo. O quarto e último, *A Revolta Como Alternativa para o Fim da Esperança*, aqui Camus mostra a revolta como a alternativa mais coerente para ser tomada pelo homem em face ao fim da esperança. Esse trabalho é de caráter filosófico, e analisa o fim da esperança na obra *O Mito de Sísifo* de Albert Camus, e como também estabelece um diálogo com outros textos do mesmo autor.

2. A CRISE DA ESPERANÇA NO SÉCULO XX

A crise da esperança no século XX surge num cenário onde o mundo era visto pelo otimismo romântico e pela crença nos valores absolutos do século XIX. Em nome da razão, da verdade, da liberdade, da beleza, como também do progresso baseado no conhecimento científico, o homem do século XX foi levado a crer que através do culto a razão e da técnica-científica, a realização dos ideais desse mundo e sua grandiosidade seriam alcançados num curto espaço de tempo. Acreditava-se que o homem resolveria todos os seus problemas e criaria uma sociedade perfeita baseando exclusivamente na razão, na experiência, na ciência e na técnica tendo em vista todo o conhecimento e o domínio do homem sobre a natureza.

No início século XIX, acreditava-se na verdade absoluta. Movimentos como o positivismo surgia anunciando a crença de uma nova era, e que através dos conhecimentos científicos acreditava-se que acabaria os males e as desigualdades da humanidade. A ciência que era vista por muitos como referência absoluta, tornou-se o ideal de um mundo melhor. A esperança de um enriquecimento através das descobertas nas técnicas fazia com que o homem acreditasse que só conhecimento científico era o conhecimento digno da verdade. A busca pelo conhecimento tornou-se uma conquista. Com a natureza dominada pela ciência e com as inovações tecnológicas facilitando a vida dos indivíduos, não demorou muito para se criar uma esperança no século XX como futuro promissor.

Mas com a chegada do século XX veio também a grande decepção. A esperança que se tinha em um século de certezas, viu-se a predominância da dúvida e do sofrimento causando uma grande desilusão. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que eram fortemente associados às manifestações românticas, foram se esvaindo até cair na desvalorização. A humanidade constata que o século XX parece ser um mundo absurdo, pois toda a esperança que se tinha nesse século foi contrariada com sua chegada. Haja vista a crise econômico-financeira, os massacres e a destruição da população na I e II Guerra Mundial, a ciência sendo usada a favor da criação da bomba atômica, o declínio do cristianismo, a crença ilusória no progresso da ciência e como também os valores idealistas anunciados pelos intelectuais da época.

A racionalidade imanente à História deveria trazer-nos a paz, a justiça social, a dignidade e a liberdade do indivíduo, a promoção dos melhores. Ora, experimentamos a guerra, a violência, o advento de Estado totalitário e das massas inconscientes, o desaparecimento do indivíduo. Esperávamos da ciência um domínio da natureza que, assegurando a confiança em nós próprios e criando melhores condições de vida, havia sobretudo de tornar o homem, que a liberdade das mais duras necessidades, disponível para a vida interior e as mais altas atividades da cultura¹.

Com o fim do século XIX e a chegada do século XX, os valores que eram tidos como absolutos esvaiu-se, e em seu lugar surgiu a angústia que interrogava o sentido de uma vida cujas justificativas já não são tão esclarecidas. O pensamento sistemático hegeliano trouxe para a cultura ocidental a idéia de que a busca da racionalidade do mundo e do que está a sua volta deveria ser o objetivo da inteligência humana. O marxismo por sua vez, tinha uma visão otimista do destino da humanidade, acreditava-se num mundo ideal onde as diferenças de

¹ RENÉ, Bertelé. Panorama das Ideias contemporâneas. Tradução de Rui Grácio. Lisboa: Livraria Gallimard, s/a, p. 610.

classes passariam a não mais existir, resultando o fim da desigualdade da humanidade. Esses pensamentos idealistas causaram na humanidade o sentimento nostálgico de decepção, pois, a crença no progresso que traria a felicidade à humanidade foi logo desacreditada. Já que não havia solução para os inúmeros problemas reservados para o futuro.

Contrário a tudo aquilo que foi esperado do século XX, a experiência humana constatou o caos. A busca desesperada do homem por um mundo ordenado e racional foi aos poucos mostrando sua face. “Camus e os escritores engajados presenciaram concretamente, e não em termos teóricos, o fracasso do progresso, da ciência, da liberdade, da democracia, da razão e finalmente do próprio homem”². Albert Camus vivencio o horror das violências causadas pelas guerras, na verdade, não só ele, como também toda uma geração nascida depois do século XX presenciou a:

I Guerras Mundial, a depressão econômica-financeira de 1929, os expurgos dos processos de Moscou em 1936, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a defecção da democracia liberal-burguesa diante de Hitler em Munique (1938), os massacres e destruição de populações inteiras na II Guerra Mundial, [...]. Todos esses acontecimentos viriam alterar fundamentalmente a vida e a obra de toda uma geração³.

O homem contemporâneo presencia o fracasso desse mundo e de si próprio. Com a Europa em crise e um grande numero de revolução em defesa da liberdade, os massacres humanos apoiados pela ciência culminaram com a destruição de Hiroshima e Nagasaki, e em nome de Deus inúmeras pessoas foram mortas nas chamadas guerras santas. A humanidade vivia um sentimento comum de uma época contraditora. A esperança na razão, na ciência, na religião e em todas as ideias de um mundo progressista que os iluministas pregavam não tornaram a humanidade satisfeita, pelo contrário, houve uma insatisfação de todos aqueles que acreditaram em um mundo melhor, pois, era visível o despencar da razão.

Filósofos, literatos, e demais pensadores compartilharam esse mesmo sentimento de espanto e desesperança numa época em que “Sem critérios de objetiva validade, sem normas universalmente confiáveis, sem valores transcendentos, é gratuito, insignificante e, definitivamente, sem sentido o absurdo”⁴. Dito de outra maneira, e se é realmente esse contexto em que o homem vive e é submetido na imposição de viver a vida e as suas possíveis formas, Roger Garaudy escreve:

² BARRETO, Vicente. *Camus: Vida e Obra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.12.

³ *Ibidem*, p. 10.

⁴ VALDANO, Juan. *Humanismo de Albert Camus*. Cuenca: Publicaciones de la Universidad Catolica de Cuenca, 1973, p. 6.

As duas guerras mundiais exerceram uma influência determinante sobre a reformação e o desenvolvimento das filosofias da existência. Em primeiro lugar, contribuíram grandemente para obrigar todas as filosofias [...] a serem filosofias de existência, porquanto os fundamentos da existência humana estavam recolocados em questões e a resposta não podia ser adiada⁵.

A filosofia de Albert Camus, não poderia deixar de ser influenciada pelo sentimento de angústia e pelo vazio espiritual de seu tempo. A sua vida simples não foi uma variante que o impedisse de estudar. Diferente de outras famílias que tinham condições semelhantes, não herdou a descrença e nem tão pouco se deixou levar pelo conformismo, pelo contrario, foi na experiência da pobreza que presenciou o sentimento e o significado da liberdade. “À miséria serviu-lhe como escola de descoberta do próprio homem e da necessidade da criação de novos valores que o ajudassem a construir um novo mundo”⁶. Marcado pelos fatos históricos ocorrido na Europa do século XX, Camus rejeitou as hipóteses metafísicas e teológicas para explicar o dilema de um mundo em crise com o fim da esperança.

A reflexão camusiana sobre o fim da esperança diante da desorganização do mundo no contexto conturbado do século XX constatou que o ser humano estava completamente desamparado e sem ponto de apoio que o sustentasse. Não havia bases sociais, econômicas, científicas ou religiosas. O mundo no qual o homem estava inserido era um mundo vazio. Sem valores morais, éticos, sem discernimento do certo e errado, do bem e do mal, a humanidade estava vivenciando uma vida confusa e incoerente. O homem se via cada vez menor diante de um universo caótico que ao mesmo tempo o pressionava fazendo com que se sentisse devedor de ações que justificassem suas atitudes diante da falta de esperança num mundo vazio.

A vida e as obras de Albert Camus⁷ estão inseridas nesse contexto histórico. E é diante desse mundo sem esperanças que Camus passa a refletir sobre todo um conjunto de crenças demolidas que levou o homem a constatação de que o mundo não correspondia mais as expectativas humanas. “A experiência humana em vez de ordem encontrou o caos. O absurdo

⁵ GARAUDY, Roger. *Perspectivas do Homem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.8.

⁶ BARRETO, Vicente. *Camus: Vida e Obra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.14.

⁷ Albert Camus nasceu em 7 de novembro de 1913 em Mondovi, Argélia. Filho de agricultor morto na primeira guerra mundial, criado junto ao seu irmão Lucien por uma mãe surda e analfabeta, uma avó rígida e um tio enfermo. A tuberculose que se declara precocemente, e que, com o sentimento trágico que ele chama de absurdo, lhe desperta o desejo de viver. Devido à grande insistência de Germain, professor secundário (a quem dedicou o discurso de recebimento do prêmio Nobel de literatura 1957). cursou filosofia e letras tornando-se dramaturgo, ensaísta, e jornalista. Autor de *O Estrangeiro* (1942), *O Mito de Sísifo* (1942), *A Queda* (1956), *A Peste* (1947), *O Homem Revoltado* (1951) e outras obras. Morre em 1960 num acidente automobilístico (TODD, Olivier. 1998).

é, portanto, a conclusão a que se chega quando pretendemos encontrar no mundo ordem e razão, e achamos somente desordem e irracionalidade”⁸. Com a crise da esperança, a dúvida na ciência e o declínio da religião, a visão de um mundo desencantado e absurdo parece ser algo inevitável.

3. O ABSURDO E O SENTIDO DA VIDA

Albert Camus é visto por muitos como *filósofo do absurdo*⁹. Sua filosofia é construída em grande parte, sob os ecos das duas guerras mundiais, eventos que certamente foram de um grau de destruição e barbárie inauditas, e que deixaram para trás marcas profundas numa geração intelectual e artística. Camus no prefácio do seu livro *O Mito de Sísifo* escreve que até então o absurdo era visto como um fim, algo conclusivo, porém, agora é visto como um ponto de partida. “Mas vale a pena notar, ao mesmo tempo, que o absurdo, encarado até aqui como conclusão, é considerado neste ensaio como um ponto de partida”¹⁰. Camus nos diz que sua filosofia deve levar em conta esse dado essencial que é o absurdo da própria existência, pois é dele que surge o questionamento acerca do sentido da vida.

O desenvolvimento do pensamento a respeito do absurdo é elaborado por Camus na obra *O Mito de Sísifo*, como também está em outras obras. Mas é no *Mito de Sísifo* que lhe é posto em evidência filosófica. É nessa obra que Camus mostra mais empenho e rigor em sua investigação, pois, percebe quanto é importante o absurdo no decorrer da sua vida, este sentimento que surge do fim da esperança e da incompatibilidade do mundo com as categorias racionais.

O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. Isto é o que não devemos esquecer. A isto é que devemos nos apegar, por que toda a conseqüência de uma vida pode nascer daí. O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge de seu encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz¹¹.

⁸ BARRETO, Vicente. *Camus: Vida e Obra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, pp.43-44.

⁹ A história da palavra “l’absurde” na literatura francesa coincide com a reação do início do século XX contra a ciência. Nasceu da constatação intelectual de que o cosmos não é racionalmente ordenado. BARRETO, Vicente. *Camus: Vida e Obra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.43.

¹⁰ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6 ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008, s/p.

¹¹ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6 ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 41.

O homem quando não se reconhece diante do seu mundo sente-se um estrangeiro. Um ser privado de seus desejos, e isso o deixa contrariado. A prova disso é sua busca pelo absoluto, pela ordem e pela razão, mas ao se deparar com esse mundo inacabado e sem respostas, o sentimento angustiante toma conta da sua vida, vindo com isso um sentimento de incompatibilidade e uma grande lacuna torna-se presente entre o homem e sua vida. Ele não se vê mais amparado pelo estado, as expectativas que tinha na religião já não lhe satisfaz, a ciência na busca de respostas para o mundo se perde ao tentar explicar o seu dilema. Em busca de um sentido que lhe conforte ele chega a uma terrível conclusão; de que está só no mundo.

O sentimento de estar só no mundo causado pela estranheza do rompimento que liga o homem ao mundo é dado por Camus o nome de divórcio. “Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo”¹². O absurdo por consequência constitui justamente o divórcio entre o homem e o mundo, entre um ser que clama por sentido, por razões, causas lógicas e finalidades, e um mundo que se cala. Esse é confronto da irracionalidade do mundo com o desejo de clareza pertencente ao homem.

Quero que tudo me seja explicado, ou nada. E a razão é impotente diante desse grito do coração. O espírito, despertado por essa exigência, procura e nada encontra além de contradições e disparates [...]. Pudessem dizer uma vez só: “isto está claro”, e tudo se salvaria¹³.

Diante da impotencialidade da razão e da falta de explicação, o homem se vê na contradição entre a necessidade de transcender e a constatação da privação desta dimensão transcendental. Ele agora está afastado de todo e qualquer estado metafísico. Sem esperanças na razão ou na religião, o homem se encontra preso entre os muros do absurdo, está sem saída. Camus constata uma carência de um mundo passível de explicação, mesmo que essas explicações sejam incoerentes.

Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida¹⁴.

O absurdo é identificado por Camus neste confronto entre o nosso desejo de clareza e a irracionalidade do mundo. Nesse confronto, nem o mundo nem o homem é em si absurdo.

¹² Ibidem, p.20.

¹³ Ibidem, p.40.

¹⁴ Ibidem. P.20

Em vez disso, absurdo encontra-se na relação entre os dois. Para Camus, a tentativa de conciliar o conflito entre o desejo de respostas e o silêncio do mundo seria uma forma de fugir do absurdo ao invés de confrontá-lo. E o que caracterizaria esse confronto com o absurdo segundo Camus, seria a insatisfação consciente da absurdidade do mundo.

Com o fim da esperança numa época promissora e sem suas certezas, o homem começa a questionar um mundo que até então era vivido sem grandes problemas. Porém, “Um belo dia, surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro [...]. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência”¹⁵. Segundo Camus, essa lassidão, que nada mais é do que um cansaço de viver a vida de forma monótona é também o primeiro passo para uma vida consciente. O homem ao se cansar de uma vida maquinal, que até então julgava haver sentindo, abre espaço para uma vida consciente da realidade.

Uma vez consciente de sua realidade diante do desconforto com o mundo, percebe que não é mais possível voltar a sua vida cotidiana. Ele agora tem que pagar um preço pela sua consciência. “Um homem consciente do absurdo está ligado a ele para sempre [...]. Isto é normal. Mas também é normal que se esforce para escapar do universo que criou”¹⁶. Percebe-se aqui que não há compatibilidade entre o mundo e a vida ordenada.

A finitude da existência humana desprovida de crenças na religião, na ciência e na razão, gera no homem um desequilíbrio, um mundo no qual não conhece e nem se reconhece. “Enquanto o espírito se cala no mundo imóvel de suas esperanças, tudo se reflete e se ordena na unidade de sua nostalgia [...]. É preciso desistir de reconstruir sua superfície familiar e tranquila que nos daria paz ao coração”¹⁷. Com o fim da esperança e a constatação de um mundo absurdo e sem sentido, o sentimento nostálgico do indivíduo quer saber se a vida valeu ou não apenas ser vivida.

Para Camus, o homem deve se perturbar com questões filosóficas no que diz respeito a sua condição, essa preocupação com o dilema da condição humana, seria um indício de que realmente estaria enfrentando um problema no qual valeria a pena ser investigado. “Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida”. Segundo Camus, é uma questão fundamental da filosofia.

¹⁵ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6 ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 27.

¹⁶ Ibidem, p.46.

¹⁷ Ibidem, p.32.

Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. [...] Se eu me pergunto por que julgo que tal questão é mais premente que tal outra, respondo que é pelas ações a que ela se compromete¹⁸.

Camus não admite que uma questão tão profunda como o sentido da vida seja tratado como segundo plano. Para Camus, não há sentido e nem tampouco seria autêntico que o homem se volte para as preocupações que não seja humana. “O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. Trata-se de jogos”¹⁹. A atitude de deixar de lado o questionamento referente ao ser humano reduziria o pensamento filosófico a mero jogo de palavras.

Fazendo referência a Galileu, Camus nos diz que ele tinha sua verdade inquestionável ao dizer que a terra não era o centro do universo, muito embora, essa verdade só foi sustentada até quando sua vida não foi posta em risco, uma vez tendo que escolher entre a vida e sua verdade científica, Galileu abriu mão de sua verdade. Para Camus, Galileu fez bem, pois a afirmação de que o sol era o centro do universo não valia o risco de ser queimado na fogueira. “É profundamente indiferente saber qual dos dois, a Terra ou o Sol, gira em torno do outro. Em suma, é uma futilidade”²⁰.

Camus analisa a questão acerca do sentido da vida com muito cuidado, pois sabe que a resposta que dela decorre, a saber, um “sim” ou um “não”²¹, fará com que o indivíduo se comprometa com seu dilema existencial diante da resposta. Para Camus o sentido da vida deve ser a primeira das perguntas a ser feita. Muito embora Camus não esteja preocupado com respostas rápidas, sabe que não é fácil fixar com precisão o momento em que o indivíduo decide dizer como resposta um não à vida.

Se o suicídio foi sempre tratado como fenômeno social por muitos, aqui pelo contrário, o que nos chama atenção é a relação do pensamento do indivíduo com seu dilema frente o fim da esperança num mundo que julga não ter sentido. “Um gesto desses se prepara no silêncio do coração, da mesma maneira que uma grande obra [...]. O verme se encontra no coração do homem”²².

¹⁸ Ibidem, p.17.

¹⁹ Ibidem, p.17.

²⁰ Ibidem, p.18.

²¹ “A priori, e invertendo os termos do problema, parece que ou você se mata ou não se mata, só há duas soluções filosóficas, a do sim e a do não. Seria fácil demais. Mas temos que pensar naqueles que não param de interrogar, sem chegar a nenhuma conclusão” (CAMUS, 2008, p. 20).

²² Ibidem, p.p 18-19.

Ora, matar-se para Camus é confessar, confessar que fomos superados pela vida. “Morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver”²³. O que levaria então uma pessoa a abdicar da sua vida? Sabe-se que as pessoas se matam porque julgam não valer a pena viver. Mas quem estaria livre desse sentimento absurdo? “Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer”²⁴. Não importa aqui a condição social, religiosa ou étnica, estamos sujeitos a sofrer um rompimento com o mundo do qual estamos tão acostumados.

O questionamento a cerca do valor da vida leva o homem a despertar de um mundo ao qual lhe era familiar, e esse despertar mostra-se de forma inquietante. O indivíduo que estava submerso numa vida de aparências antes da noção do absurdo com inúmeras metas e agindo como se fosse livre acreditando no lado profundo das coisas, agora se vê envolvido num dilema ao qual não pode se desprender mais: Será preciso morrer voluntariamente, ou se podemos ter esperança apesar de tudo?

4. O SUICÍDIO FÍSICO E O SUICÍDIO FILOSÓFICO

A princípio, na busca de solução para o absurdo e para o sentido da vida o homem se depara com a possibilidade do suicídio: O suicídio físico e o suicídio filosófico. O suicídio físico é aquele que o indivíduo abre mão da sua vida por julgar que não vale a pena existir e, o suicídio filosófico é aquele onde o indivíduo abre mão da sua consciência terrena por uma esperança no além.

É inegável o contraste da vida do homem com o mundo, onde não há compatibilidade das suas ações com a natureza, a vida se torna medíocre e ele se vê diante das incertezas que a partir desse momento passa a ser sua condição, agora viver ou não viver é um dilema que lhe preocupa. As respostas para existência da vida perdem o valor, e a vida passa a ser uma incógnita sem esperança ou saída. E assim o desejo da morte passa a ser uma opção como suposta solução para o absurdo.

²³ Ibidem, p.19.

²⁴ Ibidem, p.25.

Para Camus o ato suicida é uma confissão, é preciso atentar para as consequências dessa confissão. “Matar-se, em certo sentido, e como no melodrama, é confessar. Confessar que fomos superados pela vida [...], supõe que se reconheceu, mesmo instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver”²⁵. O homem que decide morrer está confessando que a vida não vale à pena ser vivida.

Para Camus o suicídio físico é um grande consentimento. É uma fuga de uma vida que tanto lhe exige esforço, uma precipitação para o desconhecido. O suicídio é uma forma de eliminar o problema do absurdo. Porém, ao suicidar-se, o indivíduo estaria negando um dos pólos do absurdo. Pois, sendo a vida absurda, o ato de cometer suicídio implicaria numa esperança de algo de maior valor. Mas, ao negar a vida, sua natureza não permite juízo de valor, pois, ao quebrar o elo do homem e o mundo, quebra-se também a proposta que se quis anunciar contra o absurdo da vida. “Suicídio e assassinato são duas faces de uma mesma ordem, a de uma inteligência infeliz que prefere, ao sofrimento de uma condição limitada, a negra exaltação onde terra e céu se aniquilam”²⁶.

O impulso que leva o homem ao questionamento a cerca do valor da vida, deve ser o mesmo esperado para a afirmação da existência, pois, esse impulso que torna o homem conhecedor do absurdo deve ser o mesmo que o levará a querer vivenciá-lo. “Consciência e revolta, estas são o contrário da renúncia”²⁷. Assim o homem absurdo deve ser o sujeito pronto a enfrentar sua condição mantendo-se vivo. “A lição de Camus é a de que a vida no desespero, desde que seja consciente, é digna do homem”²⁸. Dessa forma Camus deixa claro que a opção pelo suicídio físico não é a melhor. Nossa vida só tem sentido na medida em que a experiência do absurdo está presente.

Quanto ao suicídio filosófico, Camus observa que é outra solução encontrada pelo homem como forma de escape do diante do absurdo. Existem filósofos existencialistas que tentaram de alguma forma resolver o conflito entre a razão humana e o universo irracional, mas geralmente nessa tentativa acabam fugindo deste confronto com o absurdo. Sobre esse

²⁵ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6 ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 19.

²⁶ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 18.

²⁷ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6 ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 67.

²⁸ BARRETO, Vicente. *Camus: Vida e Obra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.52.

tema, Camus menciona alguns filósofos²⁹ que se familiariza com o tema do absurdo, muito embora tenham encontrado uma forma de escape no divino.

Karl Jaspers assim como Camus, constatou o absurdo da vida humana e a limitação da razão. Diante das situações-limite as quais o homem não pode fugir ou mesmo modificar, ao se depara com a morte, o acaso, a luta e a dor, o homem se mostra impotente diante de seus limites existenciais. Muito embora, Camus e Jaspers estejam de acordo que a condição humana parta da constatação do absurdo, Camus afirma que “Neste mundo devastado onde foi demonstrada a impossibilidade de conhecer, onde o nada parece ser a única realidade e o desespero sem remédio, a única atitude, ele [Jaspers] tenta encontrar o fio de Ariadne que conduz aos segredos divinos”³⁰. Jaspers ao afirmar uma transcendência que apela para um sentido “supra-humano” da vida sem qualquer explicação. “O fracasso mostra, para além de qualquer explicação e de qualquer interpretação possível, não o nada, mas o ser da transcendência”³¹. Mesmo Jaspers tendo constatado o fracasso da humanidade se volta para justificativas que transcendem o homem.

Camus se referindo ao filósofo russo Chestov nos mostra como Deus tornou-se necessário. Para Chestov, a liberdade do homem estaria ameaçada pela própria racionalidade humana que o torna escravo da razão. Ao se afastar de Deus o homem se submete aos limites da razão humana, distanciando-se assim de sua essência. Segundo Chestov, Deus seria somente alcançado através da aceitação do irracional, ou seja, através do absurdo.

Para Camus, Chestov não desvela o absurdo, mas demonstra a necessidade de Deus: “Ele não diz: Eis, o absurdo. Mas sim: Eis Deus: devemos remeter-nos a ele, mesmo que não corresponda a nenhuma das nossas categorias racionais”³². Segundo Camus, o pensamento de Chestov nos induz a crer que a razão é vã e que existe algo além dela, ou seja, uma esperança. Para Camus, “Se há um absurdo, é no universo do homem. Desde o momento em que sua noção se transforma em trampolim de eternidade, não é mais aquela evidência que o homem constata sem admitir”³³. Para Chestov, a razão é suscetível a erros e por isso deve existir algo além da razão.

²⁹ “Sobre eles, também deve-se dizer que o que me importa são as conclusões [...] Seria presunçoso querer tratar de suas filosofias” (CAMUS, 2008.p.37).

³⁰ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6 ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 38.

³¹ JASPERS apud CAMUS, 2008, p.47.

³² CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6 ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 48.

³³ Ibidem.

E por fim, Camus fala sobre Kierkegaard e o seu salto. “Esse efeito do “salto” é bizarro, mas não deve nos surpreender mais. Ele faz do absurdo o critério do outro mundo. “Em seu fracasso”, diz Kierkegaard, “o crente encontra seu triunfo”³⁴. Kierkegaard dá seu salto e vai além desse mundo, no seu livro *O Desespero Humano* diz:

Mas, para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta, mesmo transbordante de saúde e de força³⁵.

E assim, Kierkegaard extrai contraditoriamente esperança na morte. É através da esperança em Deus que Kierkegaard se reconcilia com a morte, e dessa forma trai a absurdidade e a responsabilidade que o homem absurdo assume através do seu dilema existencial, a saber; a recusa da morte e a revolta das contingências.

Segundo Camus, “A negação é o Deus dos existencialistas. Esse deus, exatamente, só se sustenta pela negação da razão humana”³⁶. Ou seja, negar a razão e buscar num ser transcendente a esperança que não encontrou no mundo em que vive, é para Camus um salto, um suicídio filosófico. Dessa forma, não pode haver absurdo fora de um espírito humano, nem tampouco pode haver absurdo fora deste mundo. “O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. Por ora, é o único laço entre os dois”³⁷. Esse laço só pode ser dado com o homem vivo e sua consciência sã.

Para Camus os dois tipos de suicídios não dariam ao homem uma esperança que valesse a pena. O suicídio físico faz com que o homem abra mão do único meio pelo qual poderia vivenciar o absurdo: a vida. O suicídio filosófico afasta a razão fazendo com que o homem perca a lucidez, e por consequência canaliza sua inteligência criando assim um mundo ilusório de esperanças e fé onde o problema do absurdo passa a ser indiferente.

A esperança de encontrar algum significado no mundo, ou fora dele, seja através da morte física ou então pela morte da consciência, para Camus, não passaria de uma grande ilusão e não valeria a pena. Alguns filósofos tentaram encontrar algum tipo de transcendência no absurdo e em si mesmo. Contudo, Camus insiste que a lógica da exigência absurda é que

³⁴ Ibidem, p.51.

³⁵ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O Desespero Humano*. Trad. Carlos Grifo e José Marinho. São Paulo: Abril Cultura, 1979, p. 191.

³⁶ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6 ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 55.

³⁷ Ibidem, p.35.

não haja reconciliação ou qualquer tipo de transcendência. Estes filósofos tentam se esquivar da lógica colocada a eles pelo fim da esperança no mundo absurdo, e, como tal, eles cometeram “suicídio filosófico”³⁸.

5. A REVOLTA COMO ALTERNATIVA PARA O FIM DA ESPERANÇA

Para Camus, a ausência de sentido na vida do homem não deve privá-lo do desejo de viver. Ao se deparar com o absurdo e com o fim da esperança, o homem não deve se sujeitar de forma passível, mas luta diante das incertezas procurando viver com o que tem sem almejar salvação alguma, ele rejeita apelações que tente iludi-lo da realidade absurda. A consciência do absurdo e do fim da esperança aniquila a idéia de uma liberdade eterna, mas por outro lado, surge no homem a revolta da liberdade e da ação. Agora cabe ao homem a revolta, o agir presente sem esperanças futuras, o agir que impulsiona sua vontade de viver. Pois ao mesmo tempo em que o absurdo aniquila a esperança de liberdade eterna, em contraproposta, devolve a liberdade da ação terrena.

É na revolta que Camus vê o homem realiza-se, não em uma esperança divina. A revolta é tida por Camus como uma resposta direta ao absurdo, dando ao homem a consciência do que ele deseja e do que ele rejeita. “A revolta nasce do espetáculo da desrazão diante de uma condição injusta e incompreensível”³⁹. No romance *A Peste [1947]*, Camus mostra que os habitantes da cidade de Oran estão tomados pelo absurdo que se manifesta de forma coletiva onde vida e morte se confundem. Toda cidade é despertada para a consciência do absurdo logo após ser separada do resto do mundo⁴⁰. Com o fechamento dos portões devido a epidemia surgida da invasão dos ratos. Oran torna-se uma cidade tomada pelo absurdo e logo passar a perder as esperanças, as pessoas ficam sem ter acesso aos seus familiares o que torna a convivência na cidade ainda mais drástica.

Diante do acontecido, dois personagens chamam atenção na busca de possíveis alternativas para a situação em que se encontra a cidade. De um lado temos o Padre Paneloux, afirmando que a peste é um castigo divino, uma condenação e que seria uma boa ocasião para a conversão. Por outro lado, o Dr. Rieux, um homem que não espera uma ação divina, mas

³⁸ Jaspers, Chestov, e Kierkegaard rejeitaram a necessidade da razão e o propósito no mundo. Abraçando a ideia de que o mundo é irracional, encontram Deus nesta idéia.

³⁹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 21.

⁴⁰ “Na experiência do absurdo, o sofrimento é individual. A partir do movimento de revolta, ele ganha a consciência de ser coletivo, é a aventura de todos [...]. O mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva” (Camus, 1997. p.35).

usa de suas forças e seus meios para combater a peste em prol da saúde das pessoas depositando seu empenho no homem e na sua ação.

O Dr. Rieux, encara a peste de frente. Se interessa apenas pelo presente e seu objetivo é curar as pessoas da doença que impedem que o homem desfrute de sua condição de vida. “A salvação do homem diz o Dr. Rieux é palavra muito grande para mim. Não vou tão longe. É a saúde que me interessa. Primeiro a saúde”⁴¹. É na revolta que Dr. Rieux se realiza, a natureza de sua profissão leva-o a lutar contra a morte. Uma luta física, mas também interna contra o mal. Camus mostra através do Dr. Rieux como um homem pode ser santo sem Deus.

Para Camus o homem se torna santo quando luta contra a morte. Vale salientar que aqui não se trata apenas de um profissional lutando contra uma doença, contra um absurdo, ou uma esperança ilusória, mas de um homem que assimilou o seu ambiente e se revoltou contra ele. Para o padre Paneloux a atitude das pessoas da cidade de Oran deve ser a submissão, e não revoltar-se contra o mal que assola a cidade, pois, a peste é consequência dos pecados da população.

Meus irmãos, a vossa desgraça é justa [...]. Foi para abater os inimigos de Deus que pela primeira vez houve na história o flagelo. O faraó contrariou os desígnios eternos, mas a peste o fez cair de joelhos. Desde a origem da história o flagelo de Deus feriu cegos e orgulhosos. Meditai nisso e prostrai-vos⁴².

É diante desse dilema que a cidade de Oran vive o absurdo da existência. Entre a revolta das pessoas que não aceitam a peste e lutam, e uma esperança de uma remissão. De um lado está o Dr. Rieux que age sem esperar um futuro, do outro lado o padre Peneloux na esperança da remissão para que todos se salvem da peste.

Se atentarmos para o Dr. Rieux veremos que a privação da esperança significa que o homem agora terá disponibilidade. Pois, antes de conhecer o absurdo o homem vivia de forma cotidiana, tinha suas metas, sua preocupação estava no futuro e nas suas justificativas, agia como se fosse livre por mais contraditório que fosse essa liberdade. Depois do absurdo, tudo ficou abalado. A idéia de que tudo tem sentido, ou mesmo de que a vida tem um sentido vem ao chão com a possibilidade da morte. O homem revoltado exclui as metas e as esperanças, vive o aqui e o agora, pois, toda ilusão de uma meta é tida como uma obstrução à vida.

⁴¹ CAMUS, Albert. *A Peste*. 10 ed. Trad. Valerie Rumjanek. São Paulo: Record, 1997, p.131.

⁴² *Ibidem*, p.57.

O homem revoltado vive na incerteza da vida e passa a aproveitar a cada momento como único, agora fora do sono cotidiano, retorna a consciência. Consciente de suas limitações vive sua vida com intensidade.

Se eu me convencer de que esta vida tem como única face a do absurdo, se eu sentir que todo seu equilíbrio reside na perpétua oposição entre minha revolta consciente e a obscuridade em que a vida se debate, se eu admitir que minha liberdade só tem sentido em relação ao seu destino limitado, devo então reconhecer que o que importa não é viver melhor, e sim viver mais⁴³.

Assim, viver melhor não é o objetivo, e sim, viver mais e esgotar tudo o quanto possível for. Por isso, é que a ideia do suicídio físico não é considerada uma resposta à existência absurda. Ao negar a vida negamos também todas as possibilidades de um homem, e isso não é compatível com o caráter do homem revoltado. Mesmo sendo injusta e incompreensiva a condição absurda não faz com que o homem negue sua existência, pelo contrario, devolve a ele a única saída: viver. “Viver é fazer com que o absurdo viva, e fazê-lo viver é, antes de mais nada, contemplá-lo”⁴⁴. Vivenciar a experiência do absurdo da vida é ao mesmo tempo se opor ao suicídio, a revolta traz em si a consciência e a recusa de morte. “Por isso, uma das poucas posturas filosóficas coerente é a revolta”⁴⁵. Para Camus, viver é um desafio, ou mesmo uma luta sem fim que faz com que o homem se esforce como puder.

A vida para o raciocínio absurdo é um bem necessário, porque ela permite a existência dessa tensão e sem ela o absurdo não teria condição de existir. O homem precisa estar vivo para dizer que a vida é absurda. Por isso o homem absurdo não pode aceitar o suicídio e para manter a sua coerência deve condenar o assassinato, que tiraria de outro homem a possibilidade de viver a situação absurda⁴⁶.

Para uma melhor compreensão do tema, Camus usa do mito de Sísifo para ilustrar todo o dilema que envolve o fim da esperança, a saber: o absurdo, o suicídio e como também sua saída. Segundo o mito, Sísifo foi condenado pelo os deuses a empurrar por toda eternidade uma rocha até o alto da montanha, onde tornava a cair pelo seu próprio peso. Um trabalho inútil, desprovido de esperança e realização, pois sempre que alcançava o cume, a pedra volta a rolar montanha abaixo.

⁴³ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6 ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.72.

⁴⁴ Ibidem, p.66.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ BARRETO, Vicente. *Camus: Vida e Obra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.69.

E assim, o mito retrata a inutilidade do esforço humano, diante de uma condição absurda da vida. “Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança”⁴⁷. Camus faz uma analogia a partir desse mito com o homem da modernidade, para o autor, a condição do homem e o absurdo da vida são representados fielmente pelo personagem Sísifo. Ele é o herói absurdo, mas também é um revoltado.

Sísifo é o herói absurdo. Tanto por causa de suas paixões como por seu tormento. Seu desprezo pelos deuses, seu ódio à morte e sua paixão pela vida lhe valeram esse suplicio indizível no qual todo o ser se empenha em não terminar coisa alguma. É o preço que se paga pelas paixões desta Terra⁴⁸.

Camus ao fazer essa analogia com os operários que trabalham todos os dias percebe que esse destino não é menos absurdo. E o que difere é os raros momentos em que o indivíduo torna-se consciente. Um belo dia surge um “*por quê*”. O homem encontra-se numa rotina e é acordado com um estalar do “*por quê*”, e a partir desse momento percebe quão estranho era toda a cadeia de hábitos que lhe fazia sentido. E com esse acordar vem o medo e a ansiedade, não sendo bastante, a angústia estará presente na sua vida a partir de agora.

É nesse momento que a consciência do absurdo vem à tona. E essa consciência que o faz pensar, é a mesma que o atormenta. Pois, é a partir da consciência que tudo se dá início, e sem ela nada vale. Sísifo assume que seu destino lhe pertence, e faz da rocha sua casa. Do mesmo modo, o homem não busca mais refúgio nos deuses, nesse momento faz uma alto-contemplação. “se há um destino pessoal, não há um destino superior ou ao menos só há um, que ele julga fatal e desprezível. De resto, sabe que é dono de seus dias”⁴⁹. Sísifo não se conduz a uma esperança superior, nega os deuses e continua seu trabalho rumo ao cume, pois, sabe que seu trabalho não terá fim, ou mesmo que será recompensado.

“E levando ao extremo essa lógica absurda, devo reconhecer que tal luta supõe a ausência total de esperança (que não tem nada a ver com o desespero), a recusa contínua (que não deve ser confundida com a renúncia) e a insatisfação consciente (que não se poderia assimilar à inquietude juvenil)”⁵⁰.

Para Camus, o fato de Sísifo não ter esperança não quer dizer que ele seja um desesperado, pelo contrário, é preciso imaginar Sísifo feliz.

⁴⁷ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6 ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.137.

⁴⁸ Ibidem, p.138.

⁴⁹ Ibidem, p.141.

⁵⁰ Ibidem, p.46

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, a reflexão a cerca do fim da esperança na filosofia de Albert Camus consiste na análise de uma geração que viveu no contexto pós-guerra. Perceber-se que os acontecimentos do século XX foram decisivos para formação do pensamento e do comportamento de toda uma geração. Sobretudo, as duas guerras mundiais. Esse ambiente caótico fez com que o homem parasse para pensar no valor da sua existência tendo em vista o fim da esperança em um mundo organizado.

É diante da contradição entre desejo de respostas e o silêncio do mundo que o homem se vê no absurdo. Para Camus, é fundamental sabermos se podemos viver quando a única certeza é que o mundo é incerto, e na busca por algo maior do que esta certeza estaríamos fadado ao fracasso. Se a ciência, a tecnologias, a religião e suas promessas e a sistematização racional não foram suficiente para fazer com que o homem se sentisse satisfeito, a ele agora não resta mais nada a não o fim da esperança e sua revolta existencial.

É nessa condição absurda que deve viver o homem camusiano, é preciso viver com o que tem. Assim como Sísifo, ele deve rejeitar a ajuda dos deuses, ter ódio a morte, e uma paixão imensurável pela vida. Sua punição é suportar uma vida de luta sem esperança. O fim da esperança não quer dizer que seja uma vida de desespero, pelo contrário, o homem na condição de absurdo usará de sua revolta para buscar a rocha mais uma vez, mesmo consciente que ela voltará a cair.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Vicente. *Camus: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1997.
- CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 6ª ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CAMUS, Albert. *A Peste*. 10ª ed. Trad. Valerie Rumjanek. São Paulo: Record, 1997.
- GARAUDY, Roger. *Perspectivas do Homem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O Desespero Humano*. Trad. Carlos Grifo e José Marinho. São Paulo: Abril Cultura, 1979.
- RENÉ, Bertelé. *Panorama das Ideias contemporâneas*. Tradução de Rui Grácio. Lisboa: Livraria Gallimard, s/a,
- TODD, Olivier. *Albert Camus: uma vida*. Trad. Mônica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- VALDANO, Juan. *Humanismo de Albert Camus*. Cuenca: Publicaciones de la Universidad Catolica de Cuenca, 1973.